

Cinema de Arte

Acervo Digital

promoção

organização

direção

da

do

Walter
Silveira

Clube de Cinema da Bahia

17 - abril - 1965

"OMICRON, O AGENTE DO ESPAÇO"

(" Omícron ")

FICHA TÉCNICA:

Realização — **Ugo Gregoretti**
Argumento e roteiro — **Ugo Gregoretti**
Fotografia — **Carlo di Palma**
Música — **Piero Umiliani**
Interpretação — **Renato Salvatori, Rosemary Dexter,
Franco Luzzi, Ida Serasini**

Produção — **Lux-Vides-Ultra (Roma) e Lux (Paris)**

— ● —

Quando, à marge do Festival de Cannes de 1962, se realizou, pela primeira vez, a Semana da Crítica Internacional, destinada à revelação de jovens cineastas, Ugo Gregoretti foi um dos oito escolhidos e representava a Itália. «**Anjos modernos**» («*I nuovi angeli*»), seu filme de estréia, de todos era o melhor. Nêle havia uma novidade de espírito e de linguagem logo reconhecida. Uma espécie de filme-inquérito sobre a vida da juventude italiana, trabalhado por quem aprendera na televisão a olhar o mundo. Sem abandonar as linhas mestras do neo-realismo, Gregoretti valia-se de suas experiências na TV para explorar com lucidez e agilidade a época dos «novos anjos». Todos os intérpretes eram amadores, quase continuando na tela as suas próprias aventuras. Tomados ao vivo, com paixão observadora, respiravam uma autenticidade que, segundo Pierre Billard («Cinéma 62», n. 68, pg. 149), não se acharia nos melhores exemplos do «cinema-verdade» francês.

Uma das figuras importantes da atual geração italiana — geração que reconduziu o país ao esplendor e também a um novo verismo —, Gregoretti é daqueles cineastas modernos que não se reduzem a artesãos: «**Omicron**», como «*I nuovi angeli*», se define como obra totalmente sua, pensada e realizada por êle, do argumento ao estilo final. E se este segundo filme não repete a forma do primeiro, transporta-se para o plano da imaginação, ao menos confirma a sua linha temática: uma poderosa sátira aos costumes contemporâneos.

Haverá aqui um tom de fábula. Jovem fiel ao seu tempo, Gregoretti sabe ver a realidade, mas igualmente transcendê-la. A fim de expor os problemas atuais, vale-se da ficção científica. «**Omicron**» conta uma invasão da Terra pelos Ultranianos. Em vez de partir, porém, para o sonho das antecipações, para a guerra dos mundos, Gregoretti prefere documentar o processo corrente da existência humana através a visão do invasor. Testemunhando as contradições dos homens, o agente do espaço tenta a princípio explorá-los, depois resolvê-los. Mais do que forma terrestre, o robot adquire consciência. Quer transformar a humanidade. E esta resiste, não o compreende.

Desde Cervantes, passando por todos os satíricos, o método foi sempre este: a realidade, pela fantasia. Igual a Quixote, Omicron representa o herói inconformado, numa tentativa de moralização impossível. Se seu desejo processa-se como um delírio, a antítese que o nega tem a configuração da realidade mais cruel.

Poderia dizer-se que, elaborando um filme desse tipo, Gregoretti, além de ser um autor cinematográfico, aspira à condição de um pensador sobre nossa época. De fato, ao lhe perguntarem se «**Omicron**» teria um fundo social, respondeu que todos os filmes de certa importância o têm. Por isso mesmo, longe de mostrar em sua «ficção científica» imagens de outro mundo, mostrara as do nosso, julgadas por um indivíduo estranho. Para tanto, não necessitou de trucagens; estas seriam as da própria vida, por vezes tão espantosas. Só fôra difícil a Renato Salvatori figurar um robot e em seguida um homem...

Acervo Digital

Walter da Silveira

PRÓXIMOS PROGRAMAS:

Dia 24 — «História de um amor», de Jean Valère